



DIÁLOGOS ENTRE A PSICOLOGIA DO TRABALHO E O ESPORTE DE RENDIMENTO

Resumo - O esporte de rendimento foi se transformando ao longo dos tempos em um mercado altamente qualificado, exigente e, por vezes, perverso. Neste mesmo sentido é possível notar, em diferentes canais midiáticos, o romantização em torno dos feitos dos atletas, ocultando a exploração de um trabalho penoso e muitas vezes precário. Tendo em vista a histórica contribuição da psicologia do trabalho em diferentes cenários laborais, nos perguntamos como tem sido a participação deste campo do conhecimento, no âmbito do trabalho e do esporte. Por isso, buscamos aqui mapear se, trabalho e esporte, estão sendo problematizados na Psicologia do Trabalho, em âmbito científico, por meio dos artigos indexados nas bases de dados Scielo e Portal de Periódicos Capes, sem data definida. Houve um total de 120 artigos mapeados na base Scielo e 3 artigos no Portal de Periódicos Capes. Destes, na Scielo, apenas 6 estavam vinculados a revistas de psicologia, mas, mesmo assim, nenhum deles tinha como foco central o trabalho e o esporte. Já o Portal de Periódicos Capes trouxe 3 artigos que possuíam aderência a problemática em questão, sendo apenas um deles publicado em uma revista de Psicologia. Temos assim a necessidade de apropriação, por parte da psicologia do trabalho, deste território, para a co-construção de agendas que possibilitem dar o estatuto necessário a esses trabalhadores de um trabalhado não regulado e submetidos a diferentes formas de dominação e manipulação.

Palavras-chave: Psicologia do Trabalho; Esporte de Rendimento; Precariedade Laboral.

DIALOGUES BETWEEN WORK PSYCHOLOGY AND THE PERFORMANCE SPORT

Abstract – The performance sport has been transformed over time into a highly skilled, demanding and sometimes perverse market. In this same sense, it is possible to notice, in different media channels, the romanticization around the athletes' achievements, hiding the exploitation of painful and often precarious work. Given the historical contribution of work psychology in different work scenarios, we wonder how this field of knowledge has been participating in work and sports. Therefore, we seek to map if work and sport are being problematized in the Work Psychology, in scientific scope, through the articles indexed in the Scielo and Capes Periodicals Portal, with no defined date. There was a total of 120 articles mapped in the Scielo database and 3 articles in the Capes Journal Portal. Of these, at Scielo, only 6 were linked to psychology journals, but none of them focused on work and sports. Already the Portal of Periodicals Capes brought 3 articles that had adherence to the issue in question, only one of them published in a journal of Psychology. Thus, we need the occupational psychology's appropriation of this territory for the co-construction of agendas that make it possible to give these workers the necessary status of unregulated work and subjected to different forms of domination and manipulation.

Keywords: Work Psychology; Performance Sport; Labor Precariousness.

DIÁLOGOS ENTRE LA PSICOLOGÍA DEL TRABAJO Y EL DEPORTE DE PERFORMANCE

Resumen - El deporte de rendimiento se ha transformado con el tiempo en un mercado altamente calificado, exigente y a veces perverso. En este mismo sentido, es posible notar, en diferentes canales de medios, la romantización en torno de los logros de los atletas, ocultando la explotación del trabajo doloroso y a menudo precario. Dada la contribución histórica de la psicología del trabajo en diferentes escenarios laborales, nos preguntamos cómo este campo de conocimiento ha estado en las situaciones del trabajo y los deportes. Por lo tanto, buscamos mapear si el trabajo y el deporte están siendo problematizados en la Psicología del Trabajo, en el ámbito científico, a través de los artículos indexados en el "Portal de Periódicos Scielo" y "Capes", sin fecha definida. Hubo un total de 120 artículos mapeados en la base de datos de Scielo y 3 artículos en el Portal de Capes. De estos, en Scielo, solo 6 estaban vinculados a revistas de psicología, pero ninguno de ellos se centró en el trabajo y el deporte. Ya el "Portal de Periódicos Capes" trajo 3 artículos que tenían adherencia al tema en cuestión, solo uno de ellos estaba publicado en una revista de psicología. Por lo tanto, hace necesaria la apropiación de este territorio por parte de la psicología ocupacional para la co-construcción de agendas que permitan dar a estos trabajadores la visibilidad necesaria.

Palabras-clave: Psicología del trabajo; Rendimiento deportivo; Precariedad laboral.

*Juliana Aparecida de
Oliveira Camilo*

*Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo,
Brasil*

jacamilo@pucsp.br

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v3.id80](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v3.id80)*

Recebido: 13 Dez 2019

Aceito: 29 Dec 2019

Publicado: 31 Dec 2019

Introdução

A aproximação da Psicologia do Trabalho com o contexto do esporte de rendimento, por certo, traz olhares curiosos e um tanto quanto descrentes quanto as aplicações e os diálogos possíveis. Neste texto não temos a pretensão de esgotar os caminhos que podem se articular entre os dois campos, Psicologia do Trabalho e o esporte de rendimento, mas cogitamos provocar algumas reflexões que instiguem outros pesquisadores a explorar com profundidade a temática.

Embora relevante, trabalho e esporte tem merecido uma aparente pouca atenção das ciências, sobretudo no âmbito da psicologia. Por este motivo, o presente artigo se propõe a investigar, por meio da base de dados Scielo e no Portal de Periódicos Capes, a presença de estudos que toquem a presente questão. Com este foco em vista, pretendemos deixar de lado antigas celeumas, preconceitos e distanciamentos históricos, para que seja possível causar inflexão e incentivar olhares para a articulação entre estes campos de estudo.

Sobre os atletas. Sobre os trabalhadores

Com o apoio de Pierre Bourdieu¹, Roger Caillois² e Lóïc Wacquant³ afirmamos que atletas de rendimento, são trabalhadores, tal como já tivemos a oportunidade de discutir em trabalhos anteriores^{4,5}.

Falamos aqui de pessoas que vendem o seu trabalho, mesmo que haja invisibilidade jurídica para além do contexto do futebol⁶. Os atletas em sua maioria, não possuem contrato de trabalho, registro em carteira profissional, regulação ou reconhecimento da profissão, seguro de vida, assistência médica especializada, remuneração mínima e, obviamente, sem aposentadoria enquanto atleta (é possível acessar a previdência social, como para qualquer outro trabalhador, caso o atleta pague individualmente a previdência social como profissional “autônomo”). Demais benefícios sociais também estão distantes da realidade laboral destes trabalhadores: adicional noturno, férias, jornada máxima de trabalho, vale-transporte, vale-refeição, 13º salário. Como questionamos em trabalho anterior⁴ como seria neste contexto pensar em, por exemplo, em um acidente de trabalho?

Tal problematização entrou em debate por ocasião do acidente vivido pela então ginasta olímpica Laís Souza. Laís se acidentou no dia 27 de janeiro de 2014, quando se

preparava para competir nos Jogos Olímpicos de Inverno, que foram disputados na cidade de Sochi, Rússia. O acidente ocorreu quando Laís esquiava em Salt Lake City, onde finalizava a preparação para a Olimpíada. O choque na coluna, acima do pescoço e quase na cabeça, causou três principais problemas: um relativo à função motora, que impossibilita a movimentação do pescoço para baixo, outra a função sensitiva (perda de sensibilidade da região abaixo do pescoço) e a última a perda de funções autonômicas, da qual não temos controle, como a defecação e a urina⁷.

Após o acidente, um debate foi iniciado afim de problematizar como se daria o apoio legal a atleta, já que o seguro de vida ou invalidez contratado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, e pela Confederação Brasileira de Desportos na Neve, só cobria acidentes que acontecessem durante as competições, e não durante o treinamento. Tendo em vista que apenas o jogador de futebol é considerado profissional para a legislação vigente, apenas esta categoria teria direito vitalício a seguridade social, seguro contra o acidente, seguro de vida, garantido pela Lei Pelé em seu artigo 45⁶

As entidades de prática desportiva são obrigadas a contratar seguro de vida e de acidentes pessoais, vinculado à atividade desportiva, para os atletas profissionais, com o objetivo de cobrir os riscos a que eles estão sujeitos (Brasil, 1998).

Foi apenas após intensa discussão social e que envolveu os três poderes (legislativo, judiciário e executivo) é que a atleta Laís⁷ teve direito a pensão vitalícia correspondente ao limite máximo de salário de benefício do Regime Geral de Previdência Social (Lei 13.087/2015^{*}). Assim, vemos que a invisibilidade e a desproteção legal resultam em diferentes impactos, sejam eles de cunho econômico, social ou de saúde, contribuindo ainda para a relação de dependência e a exploração com os clubes, patrocinadores, donos de academias e empresários em geral⁴.

Poderíamos ainda destacar o incêndio no alojamento do Clube de Regatas Flamengo, que matou 10 pessoas e deixou outras 3 feridas, que ocorreu no dia 8 de fevereiro de 2019, no Centro de Treinamento George Helal, conhecido popularmente

^{*} Brasil. Lei Nº 13.087 de 12 de janeiro de 2015. Concede pensão especial à atleta Lais da Silva Souza [citado 14 dez. 2019]. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13087.htm.

como "Ninho do Urubu", no Rio de Janeiro. Durante as perícias iniciais, os investigadores aventaram a possibilidade de um curto-circuito no ar condicionado de um dos quartos do Centro de Treinamento⁸. Na ocasião a Prefeitura do Rio de Janeiro, apontou que a documentação do Centro de Treinamento informava a existência de um estacionamento no local onde os dormitórios foram construídos, portanto, não haveria alvará para esses quartos. É importante dizer que um alojamento, no contexto do trabalho, semelhante a outras tantas categorias profissionais, deve oferecer conforto nas instalações sanitárias, vestiários e refeitórios, como exige a Norma Regulamentadora 24⁹.

Ainda assim, não parecendo se importar com o entorno e as contradições no esporte, a mídia continua a exhibir os atletas de diferentes modalidades com seus corpos vigorosos, saudáveis e com doses de sensualidade. Há um discurso, vendedor de sonhos, dos atletas considerados milionários¹⁰, desconsiderando que a esmagadora maioria dos esportistas pelo mundo a fora possui pouca ou nenhuma condição financeira para, minimamente, prosseguir com o seu treinamento.

A psicologia do trabalho historicamente tem contribuído para a visibilidade e ampliação do entendimento do trabalhar em diferentes contextos de atividade, que vão para além do âmbito formal. Por esta razão Sato¹¹ aponta que seria mais apropriado falar em trabalhos, no plural, dando novos contornos para os trabalhos não regulados. A autora completa ainda que a psicologia deu um passo importante ao reconhecer que há um cotidiano de vida e de trabalho para além da realidade dos que estão “empregados”.

Ampliar os olhares sobre o que é ser um trabalhador implica reconhecer as distintas realidades laborais que extrapolam os limites do trabalho regulado (aqueles com um registro na carteira profissional ou minimamente com um contrato formal). Implica também dar-se conta de que o capital e os modos de produção extrapolam (e muito) os contextos tradicionais (fábricas, áreas de prestação de serviços, varejo, etc), criando continuamente novas oportunidades de ganhos.

Neste sentido, apontamos aqui a necessidade de aproximação dos olhares da psicologia do trabalho perante a atuação profissional dos atletas de rendimento. Falamos aqui de uma atuação que não está vinculada necessariamente à psicologia do esporte, ou a psicologia social do esporte, mas sim que traga os debates da agenda do mundo laboral a este cenário.

Assim como tantas outras categorias profissionais a atuação dos psicólogos tem sido alvo de profundas mudanças, ajustes, ampliações e discussões ao longo dos tempos. Ainda assim, quando analisamos o campo da psicologia do trabalho, notamos tensões importantes, que talvez tenham se convertido em entraves para que o avanço obtido ao longo dos tempos pudesse ser articulado com os demais campos da psicologia e com os beneficiários do seu trabalho (gestores, trabalhadores de todos os campos de atuação e formação, sociedade em geral, etc.). É evidente também que, ao longo do processo histórico de constituição da atuação da psicologia do trabalho muitas contribuições foram dadas que impactaram diretamente aos envolvidos, seja propiciando uma atuação mais humanizada dos postos de trabalho, na militância que inspirou serviços públicos de saúde ao trabalhador ou na construção de políticas públicas para a transformação do ambiente de trabalho (quando pensamos uma atuação externa as organizações).

Desde a constituição da psicologia como profissão em 1962 e, mesmo considerando sua trajetória pré-profissional (final do século XIX), a psicologia se viu às voltas com o acento na atuação voltada para as indústrias e empresas (tempos mais tarde), trabalhadores e as contradições postas neste campo. Não é possível falar de psicologia sem falar da psicologia do trabalho, seja ela de cunho organizacional, saúde ou social. Por esta razão, entendemos que é chegada a hora da psicologia do trabalho direcionar seus olhares para os trabalhos com baixo nível de regulamentação, como é o caso do esporte de rendimento¹². Vejamos então, como tem sido distribuída as análises em torno do trabalho e do esporte.

Método

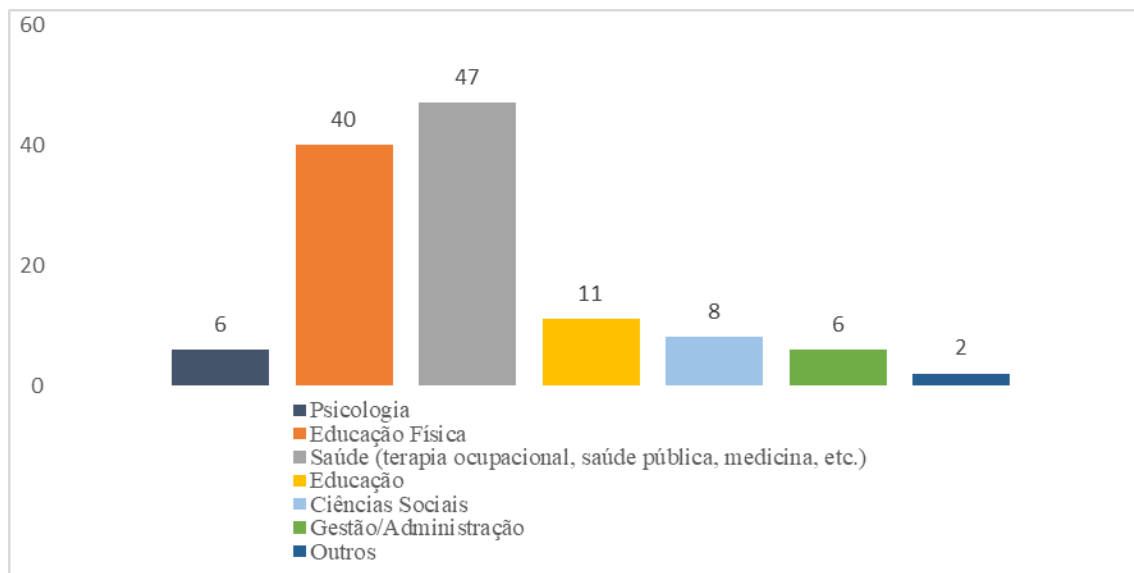
Para esta pesquisa foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos Capes (www.capes.gov.br) e Scientific Electronic Library Online – SciELO (www.scielo.br). A seleção destas bases de dados, ocorreu em função delas serem reconhecidas no campo acadêmico, na psicologia e nos estudos sobre trabalho. A busca foi realizada através da página web das próprias bases, a partir dos seguintes descritores: “psicologia do trabalho” and “esporte”, “psicologia organizacional” and “esporte”, “psicologia social do trabalho” and “esporte” e “trabalho” and “esporte”,

considerando o campo “no assunto” (portal Capes) ou “resumo” (SciELO). Não houve nenhum filtro com relação a data de publicação dos materiais.

Resultados

Apenas o filtro “trabalho” and “esporte” localizou resultados. Houve um total de 120 artigos na base SciELO e 3 artigos no Portal de Periódicos Capes. Os artigos da SciELO foram agrupados em eixos temáticos e tiveram a seguinte distribuição:

Figura 1: Distribuição dos periódicos com os artigos que continham as palavras “trabalho” e “esporte”, na base de dados SciELO.



A Figura 1 nos apresenta os periódicos localizados com artigos que continham as palavras “trabalho” e “esporte” em seu resumo. Nota-se um predomínio nos periódicos de saúde, que engloba as revistas de terapia ocupacional, saúde pública, medicina, fisioterapia e enfermagem. O segundo eixo temático mais frequente são os vinculados à Educação Física (40 artigos), seguido pela Educação (11 artigos) e Ciências Sociais (8 artigos). Ao lado dos periódicos da Psicologia (6 artigos) estão também os da Gestão/Administração (6 artigos). Por fim, os 2 artigos classificados como “outros” foram publicados em uma revista de Ciências Rurais (o trabalho dos animais no esporte) e outra em Ciências da Informação (o trabalho que é desenvolvido em base de dados no esporte).

Ainda que o número total de artigos localizados tenha sido significativo, quando analisamos qualitativamente os resultados, por meio dos resumos, notamos que a palavra “trabalho” foi em sua maioria associada ao esforço, a superação ou a ação muscular (trabalho desenvolvido pela musculatura ao realizar determinado exercício), bem como ao trabalho de pesquisa em si (Ex. “neste trabalho tivemos como objetivo problematizar o esporte...”). Há ainda a associação com outros trabalhadores em torno dos atletas, como os profissionais de Educação Física, dos fisioterapeutas, os treinadores, os pesquisadores envolvidos com determinado assunto e dos voluntários em projetos sociais. Tem-se também a apresentação do esporte como uma compensação ao “trabalho” do cotidiano, sendo a atividade física uma prática para o lazer e a ocupação do tempo livre.

A aproximação do esporte de rendimento com a lógica do trabalho que envolve os atletas no contexto da profissionalização foi apresentada em 3 artigos (Tabela 1).

Tabela 1 - Artigos da base Scielo que analisam o trabalho no contexto do rendimento

Nome do artigo	Revista	Ano
1) Incidência de sintomas, doenças profissionais e doenças do trabalho em nadadores de competição da Cidade de Campinas, São Paulo	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	2003
2) Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2010
3) Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2013

Os três artigos que envolvem o trabalho no contexto do rendimento, que considere os atletas como trabalhadores, está posto em duas revistas de Educação Física e Esporte e um na Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.

O primeiro artigo, sobre nadadores de competição na cidade de Campinas- SP, apresenta a modalidade no contexto do rendimento, tecendo críticas sobre a falta de regulamentação dos trabalhadores, o que os autores chamam de “não profissional”, pela falta de contratos de trabalho formal. Os pesquisadores trazem ainda críticas contundentes, pela natação não ser “um esporte inofensivo como se acredita”, apontando ainda as inúmeras lesões que os atletas podem sofrer em decorrência dos movimentos repetitivos e das doenças intrínsecas ao ambiente aquático (otite externa, dermatites, micoses, etc.)¹³.

O segundo artigo, sobre a ginástica artística e especialização precoce, articula suas considerações em torno dos jovens ginastas, que os autores classificam como em “tenra idade”. Estes necessitam competir e obter resultados expressivos no âmbito internacional para se manter na ativa, sob o risco de não obter patrocínios e financiamentos. Os autores trazem ainda os resultados das entrevistas com os técnicos da modalidade, sobre a idade em que eles consideram a ideal para o início da prática, o momento que julgam correto para a especialização e os seus respectivos argumentos. Os dados apresentados pelos autores revelaram que a prática e a especialização iniciam em “tenra idade”, tanto nas meninas, quanto nos meninos. Os técnicos justificaram a especialização precoce devido à natureza da modalidade, assim como o tempo necessário para a preparação e a excelência atlética. Salta aos olhos um dos argumentos dos técnicos quanto a necessidade dos resultados expressivos, com a maior brevidade possível, para que os ginastas possam se manter na modalidade e não buscar o ingresso em outras atividades laborais¹⁴.

O terceiro artigo, sobre o futebol profissional, o mercado e as práticas de liberdade, apresenta a estrutura administrativa do futebol profissional, que mantém os atletas em um mercado de trabalho restrito, assim como as práticas de liberdade como forma de posicionamento dos atletas diante da estrutura que, ao mesmo tempo, valida e controla as suas carreiras. O artigo discute ainda o Esporte Moderno e o controle que a Federação Internacional de Futebol (FIFA) exerce sobre o futebol profissional, a

“mercadorização” e a circulação dos jogadores brasileiros em busca dos mercados futebolísticos no exterior¹⁵.

Quando analisamos os 6 artigos mapeados em revistas de Psicologia temos o seguinte panorama (Tabela 2).

Tabela 2 - Artigos indexados em Revistas de Psicologia, nas bases Scielo

Nome do artigo	Revista	Qual associação se faz ao trabalho e ao esporte?	Ano
1) A opção pelo triatlo como uma prioridade de vida: um estudo fenomenológico	Estudos de Psicologia (Campinas)	Trabalho como sinônimo de “nesta pesquisa” Esporte como lazer e opção de vida	1997
2) Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento	Estudos de Psicologia (Campinas)	Trabalho como sinônimo de “nesta pesquisa” Transição entre a iniciação esportiva e o esporte no contexto do alto rendimento	2002
3) O imaginário da derrota no esporte contemporâneo	Psicologia e Sociedade	Trabalho como sinônimo de “nesta pesquisa” Esporte e a derrota	2006
4) Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia	Psicologia em Estudo	Trabalho associado aos psicólogos do esporte Esporte como campo de atuação dos psicólogos	2010
5) Esporte de alto rendimento: Reflexões psicanalíticas e utópicas	Psicologia e Sociedade	Trabalho como sinônimo de “nesta pesquisa” Esporte no contexto do alto rendimento	2013
6) Algumas interrogações acerca	Fractal: Revista de	Juventude e trabalho Esporte como lazer	2014

das produções Psicologia
midiáticas sobre a
juventude

Nota-se, nos periódicos de psicologia, que a vinculação entre “trabalho” e “esporte” ainda não é explorada. Os artigos que mais se aproximaram desta questão, sem, no entanto, ter como foco seu aprofundamento, foram: ‘Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento’¹⁶ e o ‘O imaginário da derrota no esporte contemporâneo’¹⁷. No primeiro artigo, é explorada a transição entre a iniciação esportiva e a profissionalização que gera conflitos que podem se relacionar à ausência de objetivos, falta de perspectiva no esporte e afastamento do prazer inicialmente proporcionado. A autora relata ainda que as renúncias que são necessárias para ser um atleta competitivo também exercem um papel importante na formação dos conflitos, já que neste momento há uma pressão para a efetivação da opção pela vida de atleta, em função da carreira esportiva ser uma carreira curta. Já o segundo artigo, que toca a questão do imaginário e a derrota, discorre sobre o esporte de alto rendimento na atualidade, permeada pela lógica mercantilista e neoliberal, que envolve os vencedores e os perdedores. A autora destaca ainda que o atleta profissional não é apenas aquele que tem ganhos financeiros pelo seu trabalho. Ele é também a representação vitoriosa de marcas e produtos que querem estar vinculados à vitória, à conquista de resultados. Por esta razão a derrota assume também representações dolorosas.

Os demais artigos localizados não tocam na questão focal de nosso estudo, ficando restritos ao trabalho como sinônimo de “nesta pesquisa” ou, ainda, como é o caso do estudo publicado na revista *Fractal*, a questão da juventude e o esporte como lazer.

Já o portal de periódicos da Capes retornou três estudos a partir de nossa busca, tal como apresenta a tabela 3.

Tabela 3 - Artigos do portal de periódicos da Capes que analisam o trabalho no contexto do alto-rendimento.

Nome do artigo	Revista	Ano
1) Impasses gerados pelo trabalho imaterial na vida privada: um estudo sobre os profissionais do esporte	Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais	2014
2) ‘Mudando para o time’: a dimensão coletiva no trabalho de atletas de vôlei de praia	Laboreal	2017
3) “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro	Mosaico	2018

Os três artigos contidos nesta base de dados tratam o esporte no contexto do rendimento, na perspectiva dos atletas, como um trabalho. No primeiro estudo¹⁸, que discorre sobre os impasses do esporte, apresenta como os afetos são produzidos na atividade profissional de atletas profissionais e sua relação com a vida privada. Neste estudo, constatou-se que alguns atletas estão constantemente sujeitos a julgamentos morais por parte da população e que são submetidos a uma série de normas legais que tendem a transformar seu corpo em um objeto a ser administrado pelos clubes e/ou patrocinadores. Além disso, as autoras relatam os efeitos produzidos na vida privada pelas relações de trabalho, por parte do que chamam de “atletas trabalhadores”, e seus ensaios de resistência aos processos de sujeição que são frequentes nessa profissão.

O artigo ‘Mudando para o time’¹⁹ apresenta considerável aderência às nossas inquietações. Vincula à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – Portugal, a revista *Laboreal* edita artigos que colocam a atividade real de trabalho no centro das análises, privilegiando as contribuições nas

questões da saúde, do bem-estar e da segurança de quem trabalha. Sendo assim, esta pesquisa está publicada primordialmente ao público de psicólogos envolvidos no contexto do trabalho. Quando analisamos a publicação em si, identificamos que o foco versa sobre os atletas autônomos de vôlei de praia e como os mesmos gerenciam suas vidas profissionais e buscam parceiros para formar uma dupla competitiva. A partir das contribuições da Ergologia, da Ergonomia da Atividade e da Clínica da Atividade, os autores problematizam a cooperação no trabalho e a necessidade do desenvolvimento de competências esportivas.

A última pesquisa analisada, que apresenta o futebol feminino²⁰, está publicada na revista *Mosaico*, do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Este artigo versa sobre a trajetória de duas atletas, sobre as relações sociais de sexo e as relações de trabalho que se estabelecem no futebol feminino do Brasil. A autora problematiza ainda as tentativas de profissionalização do futebol feminino, concluindo que as dificuldades da profissionalização da categoria impõem empecilhos à trajetória das atletas.

Sendo assim, podemos dizer que 6 artigos possuíam aderência a problemática do trabalho e do esporte, sendo 3 na Scielo e 3 no Portal de Periódicos Capes. Com relação as contribuições da psicologia do trabalho a este campo tivemos apenas um artigo publicado em uma revista em Portugal, sobre a dimensão coletiva no trabalho de atletas de vôlei de praia.

Considerações finais

Invisibilidades e um trabalho precário de longa data. Regulações que não dão conta minimamente das complexidades postas. E a necessidade imprescindível de apropriação da Psicologia do Trabalho e sua agenda para pensar o trabalho dos atletas de rendimento.

Analisando as bases de dados à luz de nossas inquietações parece-nos que as problemáticas que envolvem o esporte de rendimento, que são urgentes e tensionadas por diferentes atores, fosse um não lugar, um não problema, uma não urgência. Será que teríamos na Psicologia ainda apenas a visão romântica do esporte como potencializador de sociabilidades? Ou será que a concepção ainda o posiciona como “o ópio do povo”?

Mediante o cenário aqui desenhado, partimos da necessidade de apropriação deste território, para a co-construção de agendas que possibilitem dar o estatuto necessário a esses trabalhadores de um trabalho não regulado, por vezes invisível, e submetidos a diferentes formas de dominação e manipulação. A constante ameaça do desligamento do clube, perda do contrato ou do patrocínio, além dos intensos (ou perversos) treinamentos, os inúmeros acidentes laborais requerem a contribuição urgente da psicologia do trabalho.

Referências

- 1 Bourdieu P. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983. p. 136-153.
- 2 Caillois R. *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia; 1990.
- 3 Wacquant L. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. *Mana*. 2000; 6(2):127–46.
- 4 Camilo JA de O, Rabelo IS. Precariedade e invisibilidade do trabalho dos atletas de alto-rendimento. In: *Psicologia Social do Esporte*. São Paulo: Képos; 2019. p. 73–88.
- 5 Camilo JA de O. Migração, identidade e trabalho no contexto do esporte de alto-rendimento. In: Rubio K. *Do Pós ao Neo Olimpismo: Esporte e Movimento Olímpico no Século XXI*. São Paulo: Laços; 2019. p. 109–18.
- 6 BRASIL. Lei Nº 9.615 de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências [citado 13 dez. 2019]. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm.
- 7 Correio. Dilma Rousseff sanciona lei que garante aposentadoria vitalícia a ex-ginasta Lais Souza. 2015 [citado 13 dez. 2019]. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dilma-rousseff-sanciona-lei-que-garante-aposentadoria-vitalicia-a-ex-ginasta-lais-souza/>
- 8 R7 Esportes. Curto-circuito pode ter causado fogo no CT do Flamengo, diz engenheiro [citado 13 dez. 2019]. Disponível em: <https://esportes.r7.com/curto-circuito-pode-ter-causado-fogo-no-ct-do-flamengo-diz-engenheiro-09022019>
- 9 BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. NR 24. Condições Sanitárias e de Conforto nos Locais de Trabalho. 1993. [citado 13 dez. 2019]. Disponível em: http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BF2D82F2347F3/nr_24.pdf
- 10 Forbes. Forbes 40. 2018 [citado 13 dez. 2019]. Disponível em: <https://www.forbes.com/pictures/mlm45gelhg/7-ufc/#78d648f717c5>
- 11 Sato L. Recuperando o tempo perdido: a psicologia e o trabalho não regulado. *Cad Psicol Soc do Trab*. 2013; 16(n.sp): 99–110.
- 12 Zanelli JC. Formação e atuação em Psicologia Organizacional. *Psicol Ciência e Profissão*. 2012; 6(1): 31–2.
- 13 Osawa CC, Andries Júnior O. Incidência de sintomas, doenças profissionais e doenças do trabalho em nadadores de competição da Cidade de Campinas, São Paulo. *Rev Bras Saúde Ocup*. 2003; 28(107–108): 59–71.

14 Nunomura M, Carrara PDS, Tsukamoto MHC. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2010; 24(3): 305–14.

15 Giglio SS, Rubio K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2013; 27(3): 387–400.

16 Epiphanyo EH. Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. *Estud Psicol*. 2002; 19(1): 15–22.

17 Rubio K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicol e Soc*. 2006;18(1): 86–91.

18 Vieira TM, Regina S, Mansano V. Impasses gerados pelo trabalho imaterial na vida privada: Um estudo sobre os profissionais do esporte. *Pesquisa e Práticas Psicossociais*. 2014;9(2): 222–31.

19 Borba L. Mudando para o time: a dimensão coletiva no trabalho de atletas de vôlei de praia. *Laboreal*. 2017; XIII(1): 56–65.

20 Haag FR. O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*. 2018; 9(14): 142-160.